

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

MONOGRAFIA: apresentada
como exigência para a -
provação no Curso de Sis
temática do Trabalho In
dividual e de Grupo

EP - 150

165^a

LARA RODRIGUES MACHADO
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

U N I C A M P - 1989

Í N D I C E

1)	<u>A REALIDADE POPULAR E A EDUCAÇÃO</u>	03
2)	<u>AS SUB-CULTURAS E A ESCOLA</u>	04
	2.1. A CULTURA BURGUESA	
	2.1.1 O PROFESSOR NA CULTURA BURGUESA	
	2.2. A CULTURA POPULAR	
	2.2.1 O PROFESSOR NA CULTURA POPULAR	
	2.3 CONSEQUÊNCIA DA CULTURA BURGUESA SOBRE A CULTURA POPULAR	
3)	<u>EDUCAÇÃO: UM PRIVILÉGIO NO BRASIL</u>	10
	3.1. O PRODUTO DA ESCOLARIZAÇÃO	
	3.2. DETERMINAÇÃO ESTRUTURAL DA ESCOLARIZAÇÃO	
	3.3. A QUALIDADE DO ENSINO	
	3.4. DESIGUALDADE NO DESEMPENHO	
4)	<u>A ESCOLA NECESSÁRIA PARA OS TEMPOS MODERNOS</u>	17
	4.1. "UM POUCO" DE PAULO FREIRE NA EDUCAÇÃO	
5)	<u>A EDUCAÇÃO COMO ORGANIZAÇÃO SOCIAL</u>	21
	<u>BIBLIOGRAFIA GERAL E CONSULTADA</u>	23

--*-*-*-*-*-*-*-*-*

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

1. O surgimento da educação popular está diretamente relacionado com o processo de industrialização e urbanização nos países capitalistas. Entretanto, a educação popular não traz necessariamente consigo as raízes de transformação social.

Devido as propostas políticas apresentadas nas discussões da educação popular tende-se para um "presente permanente", que na verdade representaria a postura de "controlar ou libertar" as classes subalternas.

As atividades de educação popular que aparecem como resultado de processo de industrialização e urbanização apresentam basicamente três funções: a alfabetização de adultos, o treinamento de mão-de-obra e o desenvolvimento comunitário.

As propostas educacionais de treinamento de mão-de-obra e alfabetização de adultos visam atender, ao mesmo tempo, as exigências de um processo de industrialização mais eficiente e as reivindicações organizadas e difusas das populações trabalhadoras. A qualificação de mão-de-obra, por exemplo, a escola nunca atendeu, nem poderá atender.

Muitas das atividades de educação popular são realizadas à noite ou nos fins de semana e destinadas, na sua maioria, aos adultos. Elas não têm apresentado bons resultados, pois o adulto que não cursou a escola pública quando criança, acaba por pagar duplamente esse estudo. É o operário, ou subalterno, por ser analfabeto ou não ter feito 1º e 2º graus e paga para estudar nas horas extras: uma grande contradição da escola gratuita, está aí presente.

O desenvolvimento comunitário, que trabalha a questão dos serviços básicos (saneamento básico, questão de moradia etc), surge na conjuntura de mudanças na América Latina:

fim da Guerra Mundial, início da "Guerra Fria" e "descolonização." Nessa época, com o êxodo Rural e o crescimento urbano, os gastos do Estado aumentaram muito com os serviços básicos/nas cidades. Por isso as autoridades passaram a socializar esses gastos com as populações trabalhadoras, promovendo, inversões vultuosas em empreendimentos de infra-estrutura industrial e em áreas nobres das cidades.

A educação, justamente por ser fruto do sistema capitalista, é contraditória, pois ao mesmo tempo que pode favorecer a classe trabalhadora na conquista de seus direitos básicos, propicia também formas indiretas de acumulação de capital.

2. AS SUB - CULTURAS E A ESCOLA

A análise das sub-culturas, exige uma breve retomada do significado de cultura, que concentra a totalidade de conduta adquirida pelo homem, como a linguagem, os valores, os costumes, os alimentos, as instituições e outros. Por isso, os homens não são cultos ou incultos, e sim possuem culturas diferentes. Todos eles participam de uma cultura e isso é que os diferencia de seres inferiores. Os indivíduos tornam-se incultos quando mudam de sua realidade para outra desconhecida.

A grande variedade de condutas e modalidades decorrente da existência de diferentes classes sociais em diferentes regiões, formam, dentro de uma cultura, as sub-culturas.

Nossa sociedade difunde critérios sociais pertencentes à classe dominante, que passam a ser considerados "corretos." Nesse processo de divisão da cultura dos dominantes e da imitação de manifestações próprias das classes populares, a escola tem uma função muito importante.

O professor é representante do que é culturalmente, "correto". A criança, por sua vez, está constantemente limitada às regras aceitáveis dentro da escola, que normalmente distanciam-se da sua realidade, fora da escola.

A cultura difundida pela escola expressa o modo de pensar e viver dos setores dominantes. Essa é a chamada "cultura burguesa".

2.1 A CULTURA BURGUESA

Algumas características marcam a cultura burguesa difundida pela escola. Uma delas é a supervalorização do livro. Nele tudo é verdade o suficiente e é dessa forma que de vemos aprender as coisas.

Realmente a leitura deve ser cobrada e incentivada pelos professores, mas sempre levando em consideração a realidade da criança e possibilitando um diálogo a respeito do que se lê.

A sociedade valoriza o campeão ou herói; consequentemente, a escola acaba incentivando a formação de inúmeros triunfadores e competidores. Além dos professores, os próprios pais valorizam as várias atividades competitivas criadas na escola, como a boa nota, o melhor trabalho, o a luno mais disciplinado etc.

Outro valor para nossa sociedade é o trabalho intelectual que os grupos privilegiados guardam para si. Por isso, menospreza^m o trabalho manual destinado os estratos "inferiores".

Outra característica seria a supervalorização do verbalismo. O aluno que "conhece" determinado assunto é aquele que sabe falar sobre ele. Esse caráter verbalista assume uma posição de discriminação social na escola, pois aqueles/que falam com facilidade têm maiores chances. Sendo a linguagem parte das sub-culturas de classes, os alunos dos lares onde se fala semelhante a da escola, serão capazes de desenvolverem-se melhor.

A chamada "cultura geral" ou o valorização do saber pelo saber em si, é uma outra característica apresentada na cultura burguesa difundida pela escola.

A pessoa considerada culta é aquela que sabe as coisas para poder conversar e ter um "destaque". Isso traz / consigo grande identificação com tudo que é europeu, o eter no modelo.

2.1.1 PROFESSOR NA CULTURA BURGUESA

O professor que universaliza a cultura burguesa não leva em consideração as diferentes sub-culturas. Para ele ape nas seus próprios hábitos e valores são considerados "cultos" os que não se ajustam a sua realidade são desprezados como "incultos".

Ao mesmo tempo, essa postura do professor vai acompanhada de um desprezo implícito pela "cultura" que as crianças mais humildes levam à escola e de uma desconsideração pela riqueza que pode existir nela.

Levantarei agora algumas características desse tipo de professor.

Perante o caráter ideológico dos conteúdos, o educador apresenta-se indiferente, pois sem ter uma compreensão / crítica dos textos didáticos, aceita-os e os transmite aos alunos.

Ele também tem o hábito de passar conteúdos alienantes, como por exemplo, a realidade indígena. Através de textos demonstra que o problema do índio já está superado, enquanto na realidade sabe-se que aquelas populações apenas sobrevivem na miséria. Ou ainda, sob outro aspecto, apresenta o problema habitacional como solucionado, com a seguinte afirmação: "hoje, o governo favorece empréstimos com os quais os trabalhadores podem realizar o sonho de ter uma casa própria"

Um outro aspecto é a frequência com que se apresenta dados, data e fatos, não integrados à realidade de modo a torna-la compreensível.

Percebe-se facilmente em livros de História exemplos dessa colocação:

"os países da América do Sul exportam matérias primas"; "os EUA exportam produtos manufaturados" Entretanto não se menciona a consequência disso que é a dominação dos países industrializados, como os EUA, sobre os países exportadores de matérias primas que, assim passam por muitas dificuldades. Dessa forma, o assunto é tratado sem qualquer relevância a respeito da problemática do "desenvolvimento", sub-desenvolvimento" e "dependência".

2.2 A CULTURA POPULAR

A cultura das classes populares está permanentemente bombardeada pela cultura burguesa, através dos meios de comunicação de massa como a televisão, as revistas, as rádios e mesmo através da escola.

A cultura burguesa se impõe à cultura popular de várias maneiras. Determina, inicialmente, modelos concretos, para serem imitados, que nada ^{tem} a ver com o operário e com sua forma de viver.

O mercador, por sua vez, oferece produtos culturais à classe popular de péssima qualidade como as fotonovelas, / certos cantores e programas de TV. Ainda que massivamente, consumidos pela classe popular, tais produtos não constituem cultura popular, pois não foram criados pelo povo e sim pela classe dominante.

As classes populares não podem criar uma verdadeira cultura, aquela que seria emanada do próprio povo, justamente por estarem vivendo uma situação de opressão.

Um indivíduo só poderá tornar-se criativo no momento em que puder, lucidamente, perceber as circunstância / em que vive e liberta-se das forças que o oprimem. Tornaria, assim, verdadeira a sua cultura, enquanto antes era capaz, a penas, de imitar condutas alienantes e comportar-se induzido pelas condições de vida das classes dominantes.

Algumas características dessa cultura merecem destaque, como por exemplo, a valorização da experiência, que leva o saber a uma ação destacando a prática como função básica para o saber. Outra característica é a simplicidade e a autenticidade na expressão dos sentimentos ou idéias, mostrando o indivíduo espontâneo na sociedade, ou melhor, comportando-se da mesma maneira dentro e fora de casa.

A valorização do coletivo, do solidário entre vizinhos e companheiros também é marcante na cultura popular. Consequentemente, a pessoa humana como indivíduo atuante na sociedade é também valorizada. O valor não é dado aos intelectos, pois o povo reage perante os fatos e não partindo de discussões teóricas.

2.2.1 PROFESSOR VALORIZANDO A CULTURA POPULAR

O professor, ao atender a classe popular, deve ajudar crianças de classe baixa através de sua própria cultura e não impondo a cultura dos setores dominantes.

A valorização da linguagem própria dos alunos juntamente com suas atitudes, expressões e gestos que são diferentes dos que o professor está acostumado, é extremamente válida.

Deve estar à disposição das crianças para ajudá-las em suas dificuldades e aprender com elas toda sua problemática; mostra claramente aos alunos a existência de distintas sub-culturas e seus significados, desenvolvendo então, uma consciência de classes sociais.

Buscando apagar o conceito de inferioridade e dependência, desenvolvendo, com o passar do tempo, nas crianças de classes populares, o professor pode ajudar a desmistificar a cultura burguesa.

Deve revisar conteúdos ideológicos dos textos para buscar permanentemente uma visão real da vida e da história do homem.

Os conteúdos ^{serão} colocados, então, como resposta dogmática, mas sempre de uma forma problematizadora, como por exemplo : na matéria de Estudos Sociais expor as distintas formas atuais de se conceber a sociedade e o Estado, permitindo posteriormente um diálogo, ao invés de estabelecer através do programa, o que é "democracia" e o que não é.

Ainda mais profundamente, deve buscar aqueles conteúdos que serão úteis para a vida dos alunos, deixando de lado o que é inútil, mesmo que seja tradicional estudá-lo. Esses conteúdos não são transformados em finalidade do processo ensino-aprendizagem e sim considerados meios para atingir os objetivos educacionais.

Finalmente, o professor procurará selecionar um mínimo de conteúdo significativo, afim de trabalhá-lo profundamente ~~em~~ um ritmo desejável. Ao contrário daquele convencional, ou seja, uma acumulação disparada de conteúdos que muitas vezes se realizam através de vários programas.

2.3 CONSEQUÊNCIAS DA CULTURA BURGUESA SOBRE A CULTURA POPULAR NA ESCOLA.

Como já foi colocado, a escola impõe a cultura burguesa sobre a cultura popular em nossa sociedade, o que traz sérias consequências. Os alunos que fazem parte das classes populares ~~geralmente~~ vivem uma constante situação de inferioridade em relação ^{às} aquelas provenientes dos setores mais privilegiados. Isso se deve, basicamente, ao fato da criança da classe alta encontrar na escola uma continuação de seu lar onde fala, pensa e age da maneira habitual. Já a criança da classe popular, na escola, sente-se em casa alheia que exige mudanças no comportamento e na linguagem. Essa criança fica constrangida, por exemplo, quando lhe é solicitada uma tarefa sobre assunto estranho a seus hábitos, como completar a frase: " antes do banho nós acendemos o aquecedor."

Pois a criança que lê, nem si quer, pode tomar banho uma vez que não tem banheiro em casa, apenas um balde.

Na verdade, seria "correto" o aluno descrever a sua casa mostrando o que faz dela, quando e como faz.

Outra consequência da influência da cultura burguesa, é a desvinculação da linguagem com a expressão pessoal. Isso é comum em redações lidas para classe, que acabam apenas sendo ouvidas pelo próprio professor, pois não dizem nada / aos alunos. A redação passa a ser alienante. A criança terá / posteriormente que escrever aquilo que ouviu, apenas para o professor poder corrigir e, por isso, escreve aquilo que agrada / dará ao mestre e nunca o que realmente sente .

O conteúdo passado na escola apresenta uma ideologia, mas mesmo assim, inúmeros são aqueles que acreditam na sua neutralidade. Não poderia ser diferente, pois como a escola é parte do projeto político da classe dominante, necessariamente expressa sua ideologia. Além disso, a escola escolhe textos fáceis de explicações simples e acientíficas, o que os torna deformantes.

3. EDUCAÇÃO UM PRIVILÉGIO NO BRASIL

Através da Constituição, o Estado estabeleceu como seu dever a escolarização obrigatória e gratuita para toda a população a partir dos sete anos de idade. Decorre disso que a escola deve ser aberta a todos, de entrada acessível, obrigatória e principalmente de permanência compulsória.

Um sistema educacional aberto deveria ter as seguintes características:

- No começo do ano letivo todas as crianças em idade de ingressar na escola são nela admitidas.
- Ao fim de cada ano letivo, todas as crianças são aprovadas.
- Todas as crianças ficam na escola até o final do ano.

- Não há evasão

- A proporção de crianças de sete a dez anos, frequentam a escola é de 100%.

Constataremos agora, através da análise do autor, se esses objetos educacionais estão sendo realizados ou não.

Caso a escola primária fosse realmente aberta, como é uma de suas características, segundo a constituição, ela deveria abranger todas as crianças de sete anos na primeira / série.

Segundo o livro, e o Ministério do Planejamento e Coordenação geral do Censo de 1970, é de que apenas 34,41, das crianças dessa idade frequentavam a escola primária, sendo / que a zona urbana tem uma escolarização maior que a zona rural.

Os motivos dessa baixa escolarização são: o número reduzido de vagas oferecidas onde as crianças moram e o costume das famílias de classe trabalhadora colocarem mais tarde (do que as classes dominantes) seus filhos na escola.

A escolarização tardia dessas crianças, segundo muitas professoras, é por ignorância dos pais que não são escolarizados. A causa disso é ignorância, mas não no sentido de falta de conhecimento e sim, de conhecimentos falsos sobre a escolarização que existe, não só entre a classe trabalhadora, mas também entre as próprias professoras.

A escola para as crianças da classe dominante é média, como já foi falado, é um prolongamento da sua casa, da sua maneira de viver. Já para a criança da classe trabalhadora, a escola é algo traumatizante e completamente estranha à sua realidade. O resultado disso: as crianças das classes dominantes e média terão sua progressão "natural" na escola, dando continuidade aos seus estudos, enquanto as crianças da classe trabalhadora, repetiram muitas vezes a mesma série, participando das turmas de recuperação ou abandonando os estudos.

Professoras e alunos que se adaptam a essa escola, acham que são bem dotados, que são mais "inteligentes".

Os fracassados lamentam sua própria sorte se culpando. Pensam que não têm capacidade e que são "burros". Essas duas / maneiras de legitimação do sucesso e do fracasso são muito / mais importantes para justificar a divisão da sociedade em classes.

Os trabalhadores colocam seus filhos na escola porque "sabem" que através da escolarização e do diploma, poderão progredir na vida. Essa informação chega aos pais através dos meios de comunicação de massa que valorizam a educação. Dessa forma, vêem o fracasso dos filhos, como culpa deles próprios e do meio ambiente em que vivem, considerando-os ainda imaturos. Daí o retardamento deles para entrar na escola.

Das crinaças que conseguem entrar na escola, poucas são as que terminam. Muitas são reprovadas, outras saem no meio do curso ou no período de férias. O processo de evasão ocorre durante toda a época escolar.

As crianças de família de mais baixo nível de renda são as que têm maiores probabilidades de serem reprovadas na 1ª série e de evadirem da escola.

O fato de muitas delas se maticularem com mais de sete anos na escola somado à elevada reprovação, produz uma grande heterogeneidade na composição etária.

Essa heterogeneidade é apontada pelos educadores / como sendo um problema ao ensino. Caso seja verdadeiro, isso reforçará o pior desempenho dos estudantes vindos das classes trabalhadoras.

3.1 O PRODUTO DA ESCOLARIZAÇÃO

A inexistência de escolas em número suficiente; a entrada tardia na escola; as altas taxas de reprovação e a / grande evasão são determinantes da escolarização apenas parcial das crianças em idade considerada certa para isso.

A taxa média de escolarização de 7 a 10 anos em, 1971, no país, era de 66,3% tendo estados com taxas muitíssimo baixa, Acre (34,5%), Ceará (29,9%), Piauí (40,3%).

A situação na zona rural é ainda pior, levando em conta o reduzido número de escolas, a migração das famílias dos trabalhadores, a incompatibilidade entre o ano agrícola e a escola e a maior importância da escolarização urbana.

Nos estados onde a população tem a maior renda, são encontradas as mais altas taxas de escolarização.

Segundo Censo de 1970, (24,3%) dos jovens com quatorze anos não sabiam ler e escrever em todo país. Foi constatado que:

1) O Nordeste é a região com maior número de analfabetos.

2) 50% da população do país têm menos de 1,5 anos de frequência a escola.

3) Na zona urbana a escolaridade média é de três anos e na zona rural cai para zero.

4) A maioria das unidades da Federação tem sua população rural com escolaridade mediana igual a zero.

3.2 DETERMINAÇÃO ESTRUTURAL DA ESCOLARIZAÇÃO

Nas limitações das oportunidades de escolarização para crianças e jovens de certas classes e regiões do país / pode haver a existência de escolarização "vaga" não aproveitada.

Na maioria dos estados, os governos atendem a demanda de escolarização primária pela sobre utilização das instalações. Diminui-se a duração das aulas para melhor aproveitamento das instalações introduzindo um terceiro turno; ou então é feito um revesamento entre os turnos para aumentar a produtividade do uso dos prédios. Isso dificulta a administração e manutenção destas instalações, além de causar consequências pedagógicas negativas.

As dificuldades de bancar os custos da escolarização fazem com que o acesso a escola não seja possível para determinar setores da população .

A classe de mais baixa renda fica prejudicada, mesmo que exista um sistema gratuito e com muitas vagas.

Percebe-se, então, que não é apenas com a instalação de escolas gratuitas que se elimina fatores que restringem a demanda da escola. Isso pode, lógico, amenizar o problema, resultando em aumento de taxa de escolarização.

3.3 A QUALIDADE DO ENSINO

Existe, no Brasil, um grande diferença na qualidade do ensino primário entre as escolas públicas que atendem parte dos filhos de trabalhadores, e as escolas privadas que servem às crianças das camadas médias e aos filhos da classe dominante. As escolas públicas geralmente tem classes com turmas muito grandes, (40 alunos), tem seu horário de aula diminuída , o aluno apenas ouve e anota , e o material pedagógico é paupérrimo, já nas escolas privadas as turmas são menores / (12 a 20 alunos) com aulas de duração maior, material pedagógico abundante e atividades bem dinâmicas.

Essa situação é explicada pelo fato ^{de} das escolas públicas não cobrarem matrícula nem mensalidades, darem a merenda e algum material escolar. Enquanto as escolas privadas, cobram taxas muito altas por mês, além das despesas com o material escolar. Dessa maneira, as crianças pobres frequentam / as escolas públicas e as ricas, como podem pagar e custar toda a despesa escolar, frequentam as escolas privadas.

Hoje ainda existem escolas de professores único ou unidocentes. Essas escolas são apenas de uma classe, onde um único professor atende ao mesmo tempo, ao ensino dos alunos / das várias séries.

Na zona rural, esse tipo de escola é muito frequente, bem mais frequente que na zona urbana.

Como consequência, apenas uma pequena parcela da população operária chega ao curso colegial, pois a origem da clientela do 2º grau é das camadas de mais alta renda.

Segundo o livro, constatou-se que: professores das escolas unidocentes são os de pior preparo; um terço (37,1 %) dos professores primários no Brasil não eram normalistas, uma grande quantidade de 26,2% tinha terminado somente o curso / primário.

É enorme a desigualdade da qualificação de ensino / no que se refere a qualificação do corpo docente. Essa desigualdade está ligada ao nível de renda da população. A qualidade é maior nas escolas que atendem a classe dominante e as camadas média. A população das camadas baixas está escolarizada em lugares de qualidade inferior.

Como já disse antes, acaba sendo feita pela escola uma intensa seleção, baseada em critérios sócio-econômicos, fazendo com que a participação das camadas mais pobres no ensino colegial seja muito pequena, apesar de ser a mais numerosa da população total.

Os cursos noturnos são os que tem a maioria dos alunos de origem operária. Nos cursos diurnos, tanto em escolas / públicas como privadas, sua presença é diminuída.

As escolas suburbanas e os cursos noturnos tem um ensino inferior as da zona urbana e cursos diurnos. E a importância da qualidade de ensino na escola, para quem vai prestar vestibular é grande. Essa qualidade é mal distribuída, pois apenas alunos de escolas privadas é que terão verdadeiras chances de entrar numa universidade.

3.4 DESIGUALDADE NO DESEMPENHO

Foi mostrada que uma classe privilegiada tem chances de estudar. A classe que não tem essa oportunidade é a popular, por razões como a necessidade precoce de trabalhar, dos indivíduos.

As crianças das classes baixas, quando conseguem estudar, recebem um ensino de mais baixa qualidade. Para finalizar a análise do privilégio escolar, falta apenas considerar as condições de vida das crianças de baixo nível, aliadas as características internas essenciais das escolas existentes. A fome / seria o principal fator a afetar o desempenho escolar do indivíduo, ao lado da desigualdade cultural das classes sociais, já tratada no início do trabalho.

A fome, no Brasil, não é considerada um problema residual ou fenômeno "natural", pois resulta do conjunto de efeitos da política econômica, necessários à existência da sociedade atual. A criança desnutrida além de ter dificuldades para aprender por estar com fome, também apresenta um retardo / na aprendizagem e no desempenho psicológico, mesmo que a fome tenha ocorrido em fase anterior, ao ingresso na escola. Além disso, ela produz também uma deficiência permanente nos comportamentos adaptativo e maior das crianças, que dificultará muito o aprendizado das técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo.

Em 1966, foi realizada uma pesquisa nas escolas primárias de Pernambuco, Espírito Santo e Rio Grande do Norte e constatou-se que as crianças em melhor estado de saúde apresentaram taxa de 78% de aprovação; as de saúde razoável, 57%; as de saúde ruim, 42%; e as de saúde "precária" 22%. As condições de saúde foram determinadas, em grande parte, pela quantidade e qualidade dos alimentos ingeridos.

Desde o fim do Estado Novo, os governos Federais e estaduais vêm executando programas de alimentação escolar / para os alunos de escolas primárias, o que chamou-se, merenda escolar. Essa merenda, no entanto, não é suficiente nem em quantidade nem em qualidade como afirma o Estado. Conseqüentemente esse tipo de distribuição de alimentos não resolveu o problema da fome, embora represente hoje um instrumento eficaz para aumentar a permanência dos alunos na escola, o que provavelmente não ocorreria caso a fome não existisse.

Essa situação, futuramente, pode ser superada por mecanismos educacionais, mesmo porque é do interesse da classe dominante, que a classe trabalhadora tenha boa saúde, pois dessa forma seu trabalho será mais produtivo.

4. A ESCOLA NECESSÁRIA PARA OS TEMPOS MODERNOS

" A Escola necessária para os tempos modernos"

A escola tem, atualmente, assumido outras funções, ~~além das suas~~. Ela acaba tornando-se instrumentos de revoluções de problemas como fome analisada a pouco, a crise social o desemprego, a segurança, etc. Assumindo tais compromissos / ela acaba fazendo malfeito, ou até mesmo deixando de fazer, o que é sua função principal: alfabetizar a vida .

Daí surge a questão: o que realmente importa na educação social?

A função da escola é preparar o indivíduo para a sociedade moderna, não apenas a nível de Aldeia mas a nível mundial.

A escola sozinha vai apenas oferecer ferramentas necessárias ao educando para que ele próprio se construa. Ela é influenciada, mas, ao mesmo tempo, pode influenciar a realidade que a cerca, pois não está isolada do mundo, ao contrario, é um patrimônio social e sente influências políticas, científicas e sociais.

Assim, podemos classificar a escola de três maneiras diferentes:

- A escola retrógrada: que funciona em função de tempos passados.

- A escola reacionária: que resolve estacionar no tempo, não admitindo mudanças e transformações de sua época, ou resolve privilegiar grupos dominantes.

- A escola progressista: é aquela que assume a sua época e suas contradições se organizando a partir delas.

Após decidir-se qual tipo de escola se quer construir, pode-se pensar em sua organização e funcionamento.

Há algumas características que são fundamentais:

A escola deve ser democrática, ou seja, reconhecer as diferenças individuais e admitir e compreender o conflito. Deve, também, permitir que pais, alunos e sociedade participem de suas decisões.

Outra característica de uma escola necessária é que ela deve repassar, organizar o saber e torná-lo acessível a todos os membros da sociedade.

A terceira característica é que a escola necessária deve estar aberta às mudanças da vida social para que seus educandos possam compreender e participar da realidade vivida.

Enfim, como quarta e última característica, a escola necessária deve estar comprometida politicamente e preparar o educando para o exercício da cidadania. Deve colocar o educando a par dos direitos e deveres sociais.

Mas a escola necessária vai precisar de um educador especial, que deve ter consciência da responsabilidade a ele confiada. Ele deve ser um educador constantemente e não tornar-se educador quando assina o ponto e deixar de sê-lo ao final do expediente. É uma questão de ser e não de situação.

Em segundo lugar, o educador deve ser competente e, acima de tudo, assumir sua tarefa democraticamente e atualizar-se sempre.

A escola, através do currículo, deve cumprir sua função de formar o aluno para tornar-se cidadão.

Dentro de cada currículo existem determinados aspectos essenciais que devem ser seguidos para não descaracterizar a escola, seja ela democrática ou autoritária.

Para que a escola forme o cidadão é necessário que o discurso e a prática atuem juntos. Como a democracia é difícil de ser entendida e praticada, a escola deve ser coerente em seus próprios discursos democráticos.

Essa formação do cidadão apoia-se em dois importantes caminhos, onde o indivíduo primeiramente compreende o seu mundo e depois estabelece como agir perante ele.

A consciência crítica do cidadão deve ser trabalhada de forma que o aluno torne-se crítico e conhecedor daquilo que crítica. A escola não prepara esse cidadão apenas fazendo-o criticar sem ter a capacidade de distinguir o que fazemos e o que fazem os outros para transformar o mundo em que vivemos.

Como conhecer o mundo é também uma coisa de total / importância. A escola, através de uma busca da verdade, deve retirar as falsas aparências e super-felicidades das coisas.

O currículo é o caminho através do qual a criança enxergará o mundo. Um caminho de conhecimento onde o primeiro passo é a alfabetização como base de todo trabalho pedagógico.

As disciplinas fundamentais representam outros caminhos como a ciência, a matemática, a história, etc. Todo conteúdo dessas disciplinas deve ser transmitido de maneira que não se reduza a uma memorização de fórmulas.

No caso da ciência, vários fatos podem ser tratados por serem de grande importância como, por exemplo, alguns crimes que são cometidos contra a natureza e o ser humano através do próprio desenvolvimento científico: de ainda, contribuições científicas no que diz respeito a novas formas de vida, enfim o aluno pode perceber a ciência como um trabalho em conjunto e organizado, o que influencia na organização e reorganização da vida.

A história tem seu valor centrado no conhecimento passado, ou seja, é de tremenda importância que o aluno possa conhecer os homens que viveram antes de nós e como trataram as inúmeras questões humanas.

A geografia abre um caminho importantíssimo para que a criança perceba como o homem se organiza no espaço e de que maneira esse espaço é produzido e incorporado na sociedade, no cotidiano e na sua vida.

Essa disciplina deve ressaltar os temas de questões físicas / (rios, climas, etc) como realidades sociais e políticas para que esse espaço físico seja incorporado numa dimensão social.

Além do currículo, a escola necessita do desenvolvimento de um metodologia adequada à ela. Na verdade, a metodologia nada mais é do que o modo de ensinar o aluno.

Qualquer tema, seja ele de qualquer disciplina, pode ser alterado dependendo da maneira como for transmitido e isso impede a criança de desenvolver sua própria visão do mundo. Sendo assim, podemos resumir dizendo que a escola é responsável pela transmissão de conteúdos que farão com que cada aluno possua, própria concepção do homem da sociedade e do mundo.

Além de tudo isso, há uma avaliação necessária. Para começarmos a analisá-la, devemos ter claro que o ensino não deseja o seu conteúdo.

O que tem importância, na verdade, é poder perceber como o conteúdo está sendo incorporado no aluno, de que maneira a criança está desenvolvendo sua capacidade de interpretar e produzir, para que possa organizar sua própria realidade.

A avaliação é uma tarefa coletiva, não pode ser considerada como uma obrigação formal, burocrática e isolada no processo pedagógico.

4.1 "UM POUCO" DE PAULO FREIRE NA EDUCAÇÃO

Paulo Freire não é um intelectual academicista, distante da vida concreta, do cotidiano. Por esse motivo, principalmente é que resolvi relatar algumas características da sua pessoa e de sua obra, que estão intimamente relacionadas com meu trabalho. Apresenta uma obra revolucionaria que exprime a realidade e a estratégia do oprimido.

Por essa razão, P. Freire após o golpe militar de 1964, foi exilado por 15 anos. Sua volta tem significado pedagógico para o Brasil, pois traz consigo a lembrança de uma / história de educação, que esses anos de obscurantismo fize -

Paulo Freire, jamais referiu-se a sua obra como sendo um método. Seus interpretes é que a reduziram a um "método pedagógico".

Esse método é revolucionário não pela forma, pela técnica de ensinar, mas pelo seu conteúdo, pela significação que tem no contexto do alfabetizando e pelas relações que esse conteúdo mantém com o contexto educando e educador. Foi esse o método rejeitado em 1964. Ele representava uma ameaça aos setores dominantes, pois o analfabeto através da aprendizagem da leitura e da escrita descobria sua condição de oprimido e passava a analisar diferentemente sua realidade.

P. Freire não deposita confiança no método educacional burguês e por isso rejeitou a tradição pedagógica que limita o ato pedagógico à sala de aula. Suas idéias aparecerão com muito mais frequência fora da escola.

Para ele, não adiantava os grandes debates e seminários revolucionários permanecerem dentro do aparelho escolar cada vez mais isolados da realidade e das decisões políticas.

Para aplicar esse método nos dias de hoje é necessário reaprendê-lo e reinventá-lo. Ele não traz consigo as soluções para nossos problemas, pois devemos analisar a situação social e política que está constantemente em movimento.

5. EDUCAÇÃO COMO ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Para a renovação da sociedade brasileira, é necessária que se conceba a educação como organização social, uma vez que o problema social é complexo e tem relação direta com a evidente fragilidade educacional.

O Brasil possui infra-estruturas culturais e econômicas para desencadear a integração dos setores social e educacional. Mesmo porque a economia e a cultura apenas se vitalizam na sociedade em que se educa em diálogo com a realidade, através do trabalho. Portanto, é preciso que nossa sociedade se volte para a população marginalizada, com o objetivo de resgatá-la da miséria e da ignorância e, juntamente com ela, desco-

- forcos

A situação brasileira tem demonstrado que não se pode mais copiar modelos internacionais para destinar o rumo do país; torna-se, portanto, indispensável a construção do país / através de uma nova sociedade apta a desenvolver os bens nacionais, quer econômicos, ou espirituais, sempre através da consciência política e do trabalho de cada cidadão brasileiro.

Atualmente, isso parece ser bastante utópico, pois falta ao Brasil a verdadeira confiança na própria capacidade de responsabilidade social e política. A crise em que vivemos é alienante, tanto, a nível individual como social. Ela é forçada pelas circunstâncias políticas tradicionais de cercamento na liberdade do pensar e do agir.

A sociedade brasileira apenas encontrará novos caminhos quando houver um processo participativo do povo. A escola, por sua vez, tem o papel de conscientizar politicamente, através da educação, o indivíduo brasileiro. Pois, somente um povo educado pode levar a bom termo os destinos de um país.

--*-*-*-*-*-*-*-*

BIBLIOGRAFIA GERAL E CONSULTADA

- 1) CRUZ, Teresinha Rosa. "Educação e Organização social: Estudos comparados dos Sistemas de educação dos EUA, URSS e BRASIL" (~~1ª ed~~). Petrópolis R.J: Editora Vozes, 1984.
- 2) CUNHA, Luiz Antônio. "Educação e Desenvolvimento Social no Brasil" (7ª ed) São Paulo: Francisco Alves Editora, 1980.
- 3) GADOTTI, Moacir. "Educação e Compromisso" (~~1ª ed~~) Campinas: Papyrus Editora, 1985.
- 4) RODRIGUES, Neidson. "Da mistificação da escola à escola necessária" /3ª ed) São Paulo : Cortez editora, 1989.
- 5) TEIXEIRA, Anísio Spínola. "Educação não é privilégio" (4ª ed) São Paulo: Editora nacional, 1977.
- 6) VALLA, Victor Vicente. "Educação e Favela" (~~1ª ed~~) Petrópolis R.J: Editora Vozes, 1986.
